



FETO 2018 - Leitura de cena
Espetáculo: “Os negros”, com o Coletivo Impossível, MG

Reviravolta: no instante em que o capitalismo quer reduzir-nos todos a coisa e mercadoria, o negro tornou-se símbolo do oposto: desejo consciente de vida, força engajada no ato de criação. (Achille Mbembe, “Crítica da Razão Negra”)

O devir negro no teatro

Kil Abreu

O Coletivo Impossível, formado por jovens artistas oriundos do curso técnico de formação do ator do T.U da UFMG, ajuda a compor o quadro daquilo que talvez seja a mais expressiva e a mais fresca força emergente no teatro brasileiro atual: uma cena negra renovada que ganha o palco em volume e proposições estéticas poucas vezes vistas entre nós.

Antes mesmo de chegar à montagem do texto de Jean Genet, os contextos que levam ao espetáculo já anunciam a funda relação entre estética e políticas afirmativas que movimenta o projeto artístico. Filho da notável abertura dos processos pedagógicos às populações da margem social empreendidas nos últimos quinze anos e agora ameaçadas, o grupo toma para si esta passagem importante para tematizar a própria condição, em forma de denúncia. A montagem de formatura não é apenas o momento de colocar em prática o aprendizado das vivências artísticas. É oportunidade para atualizar, fazer representar, dramatizar junto a isso a consciência a respeito do lugar de classe e as expectativas de futuro dos integrantes.

Em “Os negros” Genet indica uma condição: que aquela história seja atuada por um elenco de pessoas negras. Isso dá conta de provocar uma fricção radical, que vai dimensionar toda a potência crítica da peça. É que a fábula nos conta sobre a formação de um tribunal e um julgamento em que os juízes e juízas, brancos e brancas, decidem sobre um suposto crime cometido por um grupo de negros. Ao pedir a encenação majoritariamente com elenco negro o autor provoca a abertura de procedimentos cênicos que ironizam violentamente os discursos intencionados e parciais dos brancos. No entanto, ainda mais fundo, provoca também uma reflexão auto irônica em que os próprios negros são arregimentados a uma posição nem sempre confortável.

A montagem dos mineiros e mineiras, dirigida por Rogerio Lopes, opta por fazer uma adaptação do texto original em que além dos cortes são inseridos aqui e ali outros materiais dramaturgicos, seja textualmente seja na própria ossatura da cena. A aproximação com as convenções da Comédia dell’arte favorecem a explicitação da farsa. Mas o que salta mais forte como solução cênica é o modo de compreender e tratar aquilo que é uma espécie de marca do teatro do Genet: os jogos metateatrais amparados na construção de rituais profanos, que desenham uma liturgia própria em



que o sentido religioso é apresentado pelo seu avesso. A parte mais inventiva do espetáculo tem a ver com a apropriação que o pessoal de Salvador faz dessa ideia em cena, através de intervenções nem um pouco laudatórias nas quais pedem passagem, entre outros elementos, a calorosa contribuição dos funks, das coreografias sexualizadas e tais. Liniker e outros parceiros de uma geração de artistas negrxs e populares dão à encenação, desta forma, o sangue e a desobediência que garantem, nos corpos dos atores e atrizes, a atitude, a teatralidade, além de novas imprevistas leituras.

O espetáculo do Coletivo Impossível é um bonito, empenhado trabalho na direção não só da arte do teatro, strictu sensu, como também da política do teatro; da política, enfim, da representação, em um dos momentos mais delicados da vida pública no Brasil. Poderia ser visto como diálogo produtivo, afirmativo, com as reflexões de Mbembe, como a de que o negro “é este (ou então aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender”. A juventude mineira abriu este espaço na cena para mostrar que chegou não só para ser vista mas para marcar definitivamente a sua posição no campo em que neste momento há a ferrenha disputa de valores que vivemos. Que façam isso com o apuro estético e a contundência necessárias é a melhor notícia possível.

kil.abreu68@gmail.com